

# Introdução

## Debatendo gênero e sexualidades entre as ruas, as redes e as políticas públicas

*Frederico Viana Machado*

*Fabiano Barnart*

*Renan de Mattos*

Em abril de 2017 o Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual comemorou seus 26 anos de existência. O grupo tem um papel de destaque entre os movimentos sociais gaúchos, com um protagonismo que extrapola as fronteiras das lutas pelos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) e ganha importância no cenário político de construção da cidadania no Brasil. Foi o primeiro grupo de luta pela defesa dos direitos da população LGBT e promoção da cultura de diversidade no Rio Grande do Sul<sup>2</sup>, além disso, soube como poucos oxigenar suas estratégias políticas e dialogar com as perspectivas mais avançadas sobre gênero e sexualidade.

O Nuances é um grupo nacionalmente reconhecido pelo seu trabalho, com participação em eventos e execução de projetos e parcerias de abrangência internacional, e possui um histórico de ações desafiadoras, transformadoras e polêmicas. Ao longo desses 26 anos diversas pessoas fizeram e fazem parte do Nuances, um grupo que marcou a trajetória de vida de muitos e muitas que atualmente estão nas mais diversas esferas de atuação profissional, acadêmica e de militância: são gestores e gestoras de políticas públicas, professores e professoras, militantes ou ativistas, que carregam no corpo as experiências que vivenciaram junto ao grupo, transformando suas atuações.

O grupo nuances nasce no início da década de 1990, dentro da Casa do Estudante da UFRGS em Porto Alegre, um coletivo que, desde a sua fundação, procurou dialogar com a universidade, e não apenas como um grupo a ser pesquisado e estudado, mas como produtor de conhecimento. Os papéis de “pesquisador” e “ativista/militante”<sup>3</sup> estiveram associados em diversos casos.

---

<sup>2</sup> Em 1991, quando foi criado, o grupo foi batizado de MGH - Movimento Homossexual Gaúcho. Este nome foi modificado em 1993, passando a ser chamado de Nuances - Grupo Pela Livre Orientação Sexual, Construindo Cidadania. (GOLIN, 2017)

<sup>3</sup> O grupo Nuances faz uma diferenciação entre militantes e ativistas para diferenciar os níveis de envolvimento com as ações do grupo. Os militantes estão ligados ao movimento com participação orgânica. Ativismo é entendido como o envolvimento mais pontual à uma determinada causa ou ação política específica.

Muitas/os militantes/ativistas são também pesquisadores e vice-versa. Mas esta relação vai além. Diversos ativistas/militantes se aproximam da universidade por conta de suas atividades políticas e muitos estudantes iniciam sua militância a partir de suas práticas na pesquisa ou extensão. Os atores políticos podem ser vistos, neste contexto, como produtores de conhecimento, participando conjuntamente de uma pauta que é, ao mesmo tempo, científica, política e cultural.

Ao longo da trajetória do Nuances, diversos livros foram publicados: *Homossexualidades, cultura e política* (GOLIN; WEILER, 2002); *A Justiça e os Direitos de Gays e Lésbicas - Jurisprudência Comentada* (GOLIN; POCAHY; RIOS, 2003); *Rompendo o Silêncio - Homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea* (POCAHY, 2007); *Corpo - Políticas de Enfrentamento ao Heterossexismo* (POCAHY, 2010); *Homossexualidade e Direitos Sexuais - Reflexões a partir da decisão do STF* (RIOS; GOLIN; LEIVAS, 2011); *Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma* (GOLIN, 2017).

Este livro, que aqui apresentamos, vem somar à essa lista de publicações associadas ao Nuances. A parceria agora é com o Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LAPPACS/UFRGS). Reunimos os trabalhos apresentados no seminário de comemoração dos 24 anos do grupo, aos quais agregamos escritos de outros participantes e convidados especiais. Este seminário, também fruto da parceria entre o Nuances e o LAPPACS, foi realizado nos dias 28 e 29 de agosto de 2015, com o título: Seminário Internacional - Éba! Viado na Pista - Nuances 24 anos nas ruas.

O evento construiu um ambiente privilegiado para debater as transformações da sociedade e as formas de exclusão sócio-espacial que atingem a população LGBTT, bem como as inovações no ativismo e militância através da arte e cultura, o resgate da história do movimento no Brasil e na América Latina e a importância dos movimentos e atores sociais na construção, desenvolvimento, execução e avaliação de políticas públicas nas áreas de saúde, segurança pública, educação, cultura e direitos humanos. Foram debatidas a agenda do movimento LGBTT e as estratégias atuais para o enfrentamento e resistência a todas as formas de discriminação, opressão e preconceito, considerando as novas faces do conservadorismo e as polarizações sociais que nos colocam questões urgentes e complexas.<sup>4</sup>

Fruto deste seminário, o livro articula pensamentos e reflexões gestados nas fronteiras que tensionam e articulam a universidade, os movimentos sociais e as políticas públicas, sejam estas geridas por setores do Estado ou por organizações da sociedade civil. Os autores deste livro habitam estes espaços, com pertencimentos múltiplos, mas coincidem em seu engajamento político para a construção de uma sociedade mais democrática e capaz de lidar com a diversidade das formas de existência.

Uma das marcas que atravessam os trabalhos aqui apresentados é a necessidade de articulação das diferentes lutas sociais, e que aparece nas mais diversas formas e contextos, explicitando os riscos da polarização social, os debates sobre interseccionalidade como conceito articulador ou a associação das múltiplas formas de desigualdade presentes nas

<sup>4</sup> Para uma descrição completa deste seminário ver Machado, Barnart e Mattos (2016).

ações que estão sendo discutidas, tais como pobreza, racismo, machismo, heterossexismo, etc. Este ponto, é importante ressaltar, esteve historicamente presente nas ações e reflexões desenvolvidas pelo Grupo Nuances, que sempre apontou a importância das discussões sobre sexualidade estarem conectadas com as diversas formas de desigualdade e opressão.

Outro aspecto bastante significativo diz respeito a uma compreensão ampliada dos territórios como espaços de (des)construção identitária (em especial quando tratamos de identidades políticas que se constituem como estratégia de luta) que ganham complexidade por meio das interações nas redes sociais e por olhares atentos quanto a ocupação das cidades. Assumir uma identidade política não necessariamente irá corresponder à complexidade que adquire cada sujeito em seus processos de subjetivação, pois isto ganha concretude como uma maneira de organização política coletiva, pautada em questões comuns e afirmando as diferenças. As análises que incorporam saberes de campos como a Geografia traçam um panorama, ainda que recente, acerca dos modos pelos quais as múltiplas territorialidades são influenciadas e influenciam a formação do complexo, heterogêneo, fragmentado e hierarquizado espaço urbano, produzindo territórios diversos de resistência, de prazer, de luta, entre outros, que interpelam o estigma, a norma e o preconceito.

As análises aqui presentes nos alertam sobre uma ontologia estendida, cuja vertiginosa diversificação das formas de existência dificulta o mapeamento dos territórios e sujeitos que demandam voz e vez para a expansão do político. Os embates contra os essencialismos iluministas ainda nos retornam à necessidade de críticas consistentes que não engessem os sujeitos em reificações identitárias, que podem deslocar as hierarquias sociais sem identificar suas dinâmicas e fundamentos. Isto se reflete, nas novas formas de expressão cultural, de suas vozes que emergem como forma de politização. Artistas, militantes e ativistas que fazem de suas vidas, de seus corpos, de suas obras e palavras, elementos da política e da construção de conhecimento, desafiando hierarquias e normas da sociedade das mais diversas nuances, ampliando assim os lugares e territórios do político - afetivos, marginais e/ou estratégicos, na interação com o espaço social.

Vimos esta discussão tanto no prefácio como na apresentação deste livro, que relata os esforços do grupo Nuances na produção do documentário sobre a Nêga Lú. O livro conta com capítulos que tratam diretamente sobre arte e cultura. Entretanto, uma leitura atenta nos revela como esta questão atravessa grande parte das questões postas pela maioria dos autores. Como já sinalizamos, não se trata de discutir a sexualidade isoladamente, mas, cada vez mais, mostrar suas cores, gerações, etnias, gêneros, territórios, classes sociais e, rompendo com quaisquer segmentações, o discurso singular dos sujeitos que ocupam o espaço público, produzindo suas espacialidades individual e coletivamente entre as ruas, as redes e as políticas públicas.

Os textos aqui apresentados são contribuições significativas para a compreensão destas dinâmicas, sendo cotejadas por pesquisas, práticas e vivências individuais e/ou coletivas que extrapolam os processos de categorização social que historicamente orientaram a mobilização e a organização dos movimentos sociais, bem como a elaboração e implementação de políticas públicas. Como autores engajados, instauram a reflexão sobre ações e situações concretas,

retornando sobre elas com novas ideias, questões e reflexões.

Estes esforços para refletir sobre a articulação das diferentes formas de opressão podem ser vistos como respostas à fragmentação pela qual passaram e ainda passam diversos movimentos sociais. Após a Segunda Guerra Mundial, os movimentos ditos “identitários” passaram a reivindicar a autonomia de suas lutas, se descolando das esquerdas tradicionais, por não aceitarem atuar como caudatários de uma “luta principal”, pela falência do socialismo real, pela diversificação das ideologias e estratégias de militância e ativismo, dentre outras razões. Atualmente temos visto tentativas de articulação entre temas e campos de ativismo. Embora ainda não consigamos vislumbrar processos articulatórios mais amplos e efetivamente capazes de produzir cadeias de equivalência entre as diferentes lutas sociais, as reflexões aqui apresentadas são alentos para construções nesta direção.

O livro traz quinze capítulos divididos em cinco partes. Na Parte I, *Trajatórias e atualidades dos movimentos LGBT no Brasil e América Latina*, apresentamos os textos que discutem, respectivamente, o cenário político cultural, jurídico e das políticas públicas. No Capítulo 1, intitulado “*Que onda é essa?*”: “*guerras culturais*” e movimento LGBT no cenário Brasileiro contemporâneo, Regina Facchini e Julian Rodrigues enfocam algumas mudanças recentes do movimento LGBT, em especial a partir da virada para os anos 2010, tendo como contexto o fortalecimento do conservadorismo político e o crescimento da crítica à atuação política por vias institucionais e à possibilidade de representação.

No segundo capítulo, *Liberdades públicas e homossexualidade: a liberdade de orientação sexual no direito brasileiro e o Supremo Tribunal Federal*, Roger Raupp Rios discute algumas perspectivas e tensões no desenvolvimento dos direitos sexuais no Brasil. Tomando como objeto de análise e crítica a *Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 132*, traça um panorama das principais tendências e tensões que caracterizam os direitos sexuais no direito brasileiro, a partir da perspectiva dos direitos humanos e dos direitos fundamentais, para examinar as questões de orientação sexual e identidade de gênero. Neste esforço, toma como referência o tratamento jurídico e o debate contemporâneo diante das demandas jurídicas articuladas pelo movimento LGBT.

No terceiro capítulo, *Secas y mojadas: de por qué leyes y políticas sexuales nunca dejan a nadie satisfecha*, Mario Pecheny discute o cenário político e social posterior à aprovação de leis e a implementação de políticas sexuais, identificado recentemente na América Latina. Mesmo que estas ações representem avanços em termos de justiça social no campo dos direitos sexuais, seguem recebendo críticas e gerando insatisfação entre ativistas. Esta discussão é muito pertinente, sobretudo para avaliarmos a forma como alguns movimentos sociais têm demandado do Estado a especificidade de suas pautas, com novas leis e políticas específicas, mesmo que isto possa significar a inclusão em normas conservadoras, como a família e o casamento, como busca por dignidade, respeito, felicidade e legitimidade social.

A Parte II deste livro, *Educando para a diversidade: o desafio do ensino no ensinar gênero e sexualidade na escola e na educação superior*, apresenta produções e experiências que derivam de pesquisas e projetos desenvolvidos na academia, com destaque para o NUPSEX - Núcleo de

Pesquisa em Gênero e Sexualidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Durante o seminário, pesquisadoras e pesquisadores dos mais diversos campos de estudo e áreas de atuação fizeram parte desse momento, compartilhando suas experiências nos estudos e práticas sobre o desafio de trabalhar com gênero e sexualidades, em especial na universidade, seja através de projetos extensão ou iniciação científica. Essa realidade reflete o cotidiano da universidade que marginaliza, dificulta e deslegitima a pesquisa e formação nos campos de gênero e diversidade sexual. A desatenção das instituições de ensino para com as questões relacionadas ao gênero e sexualidade proporcionam um ambiente avesso à diferença e que limita a formação de cidadãos e profissionais preparados para a vivência em sociedade, com respeito às diversidades humanas.

Os capítulos desta parte do livro são exemplos bastante contemporâneos dos esforços desenvolvidos em atividades locais de extensão universitária que oferecem serviços à comunidade por meio do tripé ensino-pesquisa-extensão, associando interesses acadêmicos e engajamento político no trabalho com gênero e sexualidade. Além do impacto político-institucional na universidade e da oferta de serviços, estas ações constituem espaços privilegiados para a formação de acadêmicos e futuros profissionais.

No Capítulo 4, *Preconceito contra gênero e diversidade sexual e de gênero em uma universidade pública brasileira: prevalência, o seu reconhecimento, e os efeitos da educação*, escrito por Ângelo Brandelli Costa, Rodrigo Oliva Peroni, Eric Seger de Camargo, Andrew Pasley e Henrique Caetano Nardi, são apresentados alguns resultados de uma pesquisa que buscou avaliar as atitudes e crenças relacionadas à orientação sexual e identidade/não conformidade de gênero dirigida ao corpo discente da graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para mapear o preconceito presente na Universidade. Os resultados da pesquisa são um alerta sobre a extensão e a gravidade das formas de preconceito e discriminação e oferecem elementos importantes para subsidiar intervenções e debates sobre estes temas nas universidades.

No quinto capítulo, *Eixo Acolhimento do CRDH: Grupo de Vivências para pessoas trans*, Flávia Luciana Magalhães Novais, Diego Carrilho da Silva e Hellen Santos relatam a experiência de um Grupo de Vivência para pessoas Trans, desenvolvido pelo Centro de Referência em Direitos Humanos em relações de gênero, sexualidade e raça (CDRH), que é um programa de extensão do Núcleo de pesquisa em sexualidade e Relações de gênero (NUPSEX) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São apresentados e discutidos os impactos, desafios e dificuldades enfrentados pela equipe na condução desta experiência de acolhimento.

O sexto capítulo, *The Privilege Walk: Centro Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e Raça*, caminhando sobre as interseccionalidades, Camila Santos Pereira, Diego Carrilho da Silva, Eric Seger de Camargo, Flávia Luciana Magalhães Novais, Helen Santos, Leonardo Régis de Paula e Luís Artur Costa discutem as interseccionalidades entre gênero, raça-etnia, classe, geração e diversidade sexual, tomando como objeto de análise as ações do Centro Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e Raça (CDRH/NUPSEX). O trabalho discutido neste capítulo é um exemplo da premência de articularmos em nossas práticas e teorias as múltiplas diferenças e desigualdades.

Os autores lançam mão do conceito de interseccionalidades para discutir casos atendidos pelo CRDH que são bastante explícitos em mostrar que a opressão social dificilmente aparece de forma isolada e segmentada. As/os autoras/es articulam os diferentes marcadores sociais de forma relacional, buscando superar essencialismos que naturalizam as desigualdades e a violência social.

Passamos então à terceira parte do livro, *Arte e Cultura LGBT: estratégias de transformação social e enfrentamento político*, que traz três capítulos com perspectivas distintas e complementares. Dois deles partem do trabalho de artistas para pensar a política como catalisadora da criatividade e expressividade, ao mesmo tempo em que é a criatividade que irá instaurar e renovar a política. O terceiro relata uma experiência institucional de políticas de arte e cultura voltadas para a população LGBT, mas que igualmente requer criatividade e comprometimento para encarar a gestão no ambiente enrijecido dos órgãos governamentais.

Sandro Ka, no Capítulo 7 - *Produção de Si: A arte como resistência*, parte da noção de que a população LGBT, devido ao preconceito que cerceia seus espaços de sociabilidade, produz elementos que refletem uma cultura própria. O autor defende o reconhecimento da arte como forma de resistência e de afirmação de direitos, discute os dados de uma pesquisa intitulada "Mapeamento Cultural LGBT" e, por meio de entrevistas, analisa a obra de três artistas brasileiros que tratam da sexualidade com engajamento social e político: o diretor teatral Cesar Almeida (Curitiba/PR), o ilustrador Nerone Prandi (São Paulo/SP) e o ator e diretor teatral Silvero Pereira (Fortaleza/CE).

Este capítulo aponta para a existência de uma produção artística que, em meio a um cenário hostil marcado pela homofobia e transfobia, se desenvolve com qualidade e engajamento, produzindo questionamentos e refletindo sobre os diferentes modos dessa população se relacionar e perceber o mundo, afinando-se à noção de Direitos Culturais e de Direitos Humanos, na perspectiva do reconhecimento e do respeito às diferenças.

Cláudia Schulz, autora do Capítulo 8, *Políticas públicas para cultura LGBT*, foi Chefe de Gabinete da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, um cargo estratégico para conhecer e refletir sobre as políticas públicas para a população LGBT. A autora discute o "Relatório Final do Comitê Técnico de Cultura para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais - LGBT", elaborado pelo Comitê Técnico de Cultura LGBT, que esteve vigente de 2012 a 2014. Temos aqui um panorama das ações estratégicas para o desenvolvimento de políticas públicas para a Cultura LGBT, desenvolvidas pelo Ministério da Cultura, e alguns apontamentos sobre as dificuldades e os desafios para avançarmos nesta agenda.

O Capítulo 9, *Entre drag queens e (trans)formistas: trânsitos de gênero enquanto arte*, de Caio Cesar Klein, reflete sobre as identidades que habitam e se confundem na noite LGBT e que construíram uma (sub)cultura que tem na resistência o seu ponto de criação através da transversalidade entre arte e gênero. O texto parte do debate realizado na mesa *Arte e Cultura LGBT do Seminário Internacional Êba! Viado na pista! Nuances 24 anos nas ruas* e dos primeiros achados da pesquisa de doutorado em andamento sobre arte transformista junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS.

A Parte IV do livro, *Geografias marginais*, traz reflexões sobre poder, espaço, gênero, sexualidades e corpo entre diferentes escalas. Os três textos desta parte tomam a espacialidade de formas distintas, mas que expressam a complexidade dos territórios e as reflexões que partem dele. Mesmo que apenas o primeiro e o terceiro texto desta parte sejam escritos por Geógrafa e Geógrafos, a análise espacial apresentada tem como enfoque principal as temáticas de gênero e sexualidades. O Capítulo 10 trata da relação entre o preconceito sexual e os espaços públicos; o Capítulo 11 analisa a construção das dinâmicas das relações virtuais entre homens na busca de sexo, por meio de um aplicativo de georreferenciamento; e o Capítulo 12 discute como o território corporal pode se constituir em um espaço de resistência, a partir das práticas clandestinas de aborto.

O décimo capítulo, *Geografias e sexualidades: os espaços públicos na vivência de homens gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná*, de autoria de William Hanke e Marcio Jose Ornat, aborda a homossexualidade e sua relação com o espaço público, analisando as diferentes marcas territoriais que se apresentam sobre os corpos, produzindo e perpetuando preconceitos, estigmas e as mais diversas formas de exclusão espacial. Faz um resgate histórico e uma revisão bibliográfica da evolução dos estudos sobre as Geografias das Sexualidades e Feministas na ciência Geográfica.

O Capítulo 11, *Dinâmicas atuais na busca de sexo entre homens: o uso do GRINDR como ferramenta de gestão de práticas sexuais*, de Adolfo Pizzinato, Cristiano Hamann e João Gabriel Maracci-Cardoso, aborda as principais dinâmicas sexuais entre homens que fazem sexo com outros homens a partir de um aplicativo que utiliza geolocalização. Observam o espaço virtual e sua relação perturbadora com o esvaziamento dos espaços públicos como forma de resistência à heteronormatividade, num processo de volta ao armário e à discriminação. Este capítulo deriva das pesquisas desenvolvidas pelo grupo *Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Procura desenvolver compreensões a respeito do exercício livre da sexualidade, principalmente em articulação com as atuais estratégias de prevenção à infecção pelo vírus HIV promovidas no Sistema Único de Saúde. Aqui os autores discutem os limites de abrangência de nomenclaturas clássicas, como Homens que fazem Sexo com Homens (HSH), frente às inúmeras possibilidades de autonarratividade e exercício da sexualidade nas novas plataformas virtuais, argumentando sobre as possibilidades de complexificar as discussões sobre as noções de território e ocupação do espaço.

No Capítulo 12, Meriene Santos de Moraes, em *“Meu Corpo, minhas regras!”: A prática do aborto entre múltiplas escalas territoriais de poder e resistência*, tensiona as diferentes formas de poder que estruturalmente incidem sobre o corpo da mulher, expressas no controle institucional da sexualidade e da reprodução. As mulheres que precisam fazer um aborto clandestino sofrem com a internalização da culpa moral e religiosa, passando por cima de questões de saúde física e psicológica. A autora identifica a prática do aborto ilegal como uma subversão nos corpos das mulheres, fazendo deles territórios de resistência à norma imposta pelas moralidades e jurisprudências brasileiras. Este relato traz dados interessantes para

pensarmos os argumentos de Mario Pecheny, no capítulo dois deste livro, sobre a dissonância entre os avanços conquistados no campo dos direitos LGBT e a estagnação das lutas pelo direito ao aborto.

Apesar da temática sobre travestis e pessoas trans não ter constituído um momento específico durante o seminário que deu origem a este livro, esse debate apareceu diversos momentos, mostrando sua atualidade e necessidade de visibilidade. Diversas travestis, pessoas trans, transformistas e/ou drag queens estiveram presentes no evento, como participantes, convidados e convidadas e, principalmente, para ocupar o seu lugar de fala. Contamos com a presença das drags Cassandra Calabouço e Candy Diase (ou Cândida Dias, personagem de Caio Klein, autor do capítulo nove) como cerimonialistas do seminário, e da cantora trans Valéria Houston Barcellos, que apresentou um show na confraternização de encerramento do evento.

Na medida em que defendemos a articulação entre ativismo/militância e produção do conhecimento, convidamos essas pessoas para falar sobre suas experiências e debater suas ideias e reflexões. Candy e Valéria compuseram a mesa sobre Arte e Cultura LGBT. Eric Seger e Lins Roballo participaram da roda de conversa sobre educação, compartilhando suas experiências como pessoas trans na militância, na academia e atuação profissional. Além disso, tivemos a presença de Gloria Crystal representando a Secretaria Adjunta de Livre Orientação Sexual da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e Marina Reidel representando a Secretaria de Justiça e Direitos Humano do Estado do Rio Grande do Sul. Contar com estas contribuições no seminário e, sobretudo, como autores neste livro, é motivo de grande satisfação para nós.

A quinta parte deste livro, intitulada *Travestilidades e transexualidades: violência nas ruas e nas instituições*, reúne textos sobre temáticas trans. No Capítulo 13 - *O Sexo das Pessoas Trans – Uma análise de materiais didáticos*, Eric Seger de Camargo apresenta parte dos resultados da pesquisa “Subjetivação e Experiência: análise de ações dirigidas à redução da homofobia e do heterossexismo na educação”, do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX), do Instituto de Psicologia da UFRGS. O autor analisa materiais didáticos disponíveis online sobre gênero e sexualidade voltados para professores/as, observando como são tratadas questões referentes à anatomia e fisiologia humana, para interrogar sobre a legitimidade do gênero das pessoas trans e seus corpos sexuados. São identificados discursos que reiteram a naturalização das formas hegemônicas de ser homem e ser mulher, apontando questões importantes para o campo da educação.

No Capítulo 14, *Entre a pista e a polícia: as travestilidades brasileiras face à agenda da política criminal e penitenciária brasileira*, Guilherme Gomes Ferreira discute o resultado de duas pesquisas, uma realizada no Presídio Central de Porto Alegre, e outra sobre os processos de criminalização experimentados pelas travestis. O autor identifica que o cenário de genocídio das travestis no Brasil vem acompanhado da consolidação discursiva da categoria “travesti” enquanto própria de contextos ligados à pobreza, à periferia e à criminalidade, fazendo com que as travestis figurem no imaginário social como pessoas potencialmente perigosas, o que leva à naturalização de uma política penal de controle e repressão para esta população. Contra este cenário, é apresentado o argumento de que as relações com o “mundo do crime” no cotidiano das travestis é também resultado das condições de vida, cuja precariedade condiciona a prostituição como

possibilidade de sobrevivência e aproxima do tráfico de drogas e das zonas de conflito e violência.

Se no pós-guerra os movimentos sociais trabalharam para se desvencilhar de uma luta principal, demonstrando que suas demandas não podiam ser explicadas unicamente pela estratificação socioeconômica, hoje os diversos movimentos sociais organizados em torno de demandas identitárias trabalham para revelar, ao mesmo tempo, a especificidade de suas demandas, mas também, as inter-relações entre hierarquias e formas de opressão e violência. O texto de Guilherme Ferreira mostra como os processos de suspeição no campo da criminalidade e segurança pública estão relacionados aos preconceitos e desigualdades sociais (uma questão também exemplificada no Capítulo 6 deste livro). Segundo o autor, análise da criminalidade e da seletividade penal no caso das travestis deve levar em conta experiências anteriores de vulnerabilidade socioeconômica, raça/etnia, território e até mesmo outras circunstâncias como exercício da religiosidade e expectativas estéticas.

O Capítulo 15, *Assassinatos pautados em gênero: um interstício sobre a violência letal contra travestis e transexuais no Rio Grande do Sul*, de Fabiano Barnart e Stela Nazareth Meneghel, discute a violência letal contra travestis e transexuais em Porto Alegre apresentando um recorte de uma pesquisa sobre femicídios e assassinatos pautados em gênero no Rio Grande Do Sul.

O texto traz um panorama do contexto de desigualdades e das dinâmicas sociais que nos ajudam a compreender as especificidades envolvidas nos crimes analisados. Indicam o descaso social e a negligência do poder público em relação à violência letal transfóbica ou transfeminicídio, e argumentam que isto deve ser encarado como uma questão de violação dos direitos humanos, um problema de segurança pública e justiça. Seguindo uma característica interseccional que atravessa a maioria dos capítulos deste livro, as/os autoras/es mostram que os crimes que incidem sobre a população de travestis e mulheres transexuais atingem especialmente aquelas que são negras e se prostituem,

Trabalhos como os que aqui apresentamos mostram que a pergunta sobre como relacionar as múltiplas formas de hierarquização e discriminação está firmemente colocada no campo político e acadêmico. As respostas que daí derivam se diversificam e buscam amparo interdisciplinar em variados campos de conhecimento, teorias, estratégias metodológicas, nas relações e entendimentos sobre as práticas e percepções entre sujeitos e objetos de estudo. Destacamos, a partir de uma imersão nos textos, que analisar as interações simbólicas e a dimensão da materialidade da vida contemporânea não se faz independente das novas tecnologias, bem como das transformações nos meios de produção e reprodução da vida e, sobretudo, sem sensibilidade para a riqueza das formas de sociabilidade que emergem e se renovam no cotidiano.

A organização deste extenso compilado de escritos foi, ao mesmo tempo, uma empreitada árdua, mas extremamente gratificante e afetiva. Para conseguirmos incluir todas estas produções enfrentamos diversos contratempos e consideramos todas as particularidades que foram possíveis. Atravessarmos estas páginas revisando, classificando, organizando e discutindo, constituiu um aprendizado que não cabe nas palavras, pelo que reforçamos nossos

agradecimentos à todas as pessoas e instituições que contribuíram para sua concretização. Esperamos que este livro seja uma leitura prazerosa e produtiva para todas/os as/os leitoras/es e que tenhamos cumprido à altura a tarefa de organizarmos o sétimo livro que leva o nome do Grupo Nuances. Vida longa ao NUANCES!

## Referências

GOLIN, Celio. **Nuances 25 anos: uma trajetória inconformada com a norma**. Porto Alegre: Editora Nuances, 2017

GOLIN, Célio; POCAHY, Fernando.; RIOS, Roger. **A justiça e os direitos de gays e lésbicas; jurisprudência comentada**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

GOLIN, C.; WEILER, Luis. **Homossexualidades, cultura e política**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

MACHADO, Frederico; BARNART, Fabiano; MATTOS, Renan. **Êba! Viado na pista! Nuances: 24 anos nas ruas - Gênero, sexualidades, saúde, educação, política e cultura LGBTQBT**. Revista da Extensão, v. 12, p. 14-22, 2016.

POCAHY, Fernando. **Corpo - Políticas de Enfrentamento ao Heterossexismo**. Porto Alegre: Editora Nuances, 2010.

\_\_\_\_\_. **Rompendo o silêncio; homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Nuances, 2007.

RIOS, Roger.; GOLIN, Célio.; LEIVAS, Paulo. **Homossexualidade e direitos sexuais; reflexões a partir da decisão do STF**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.